



## AMÉRICA LATINA EMARANHADA: DA HISTÓRIA COMPARADA AO CONCEITO DE ENTANGLEMENT<sup>1</sup>

María Verónica Secreto<sup>2</sup>  
Universidade Federal Fluminense

**Resumo:** O artigo analisa o conceito de entrelaçamento, emprestado da física quântica e utilizado pela arqueologia e pela história. O termo nos remete à indissociabilidade das partículas e, portanto, metáfora de processos de transculturação. Ele é empregado para descrever alguns processos históricos de 'globalidade' que envolveram contatos interculturais prolongados. Apesar da enunciada novidade em torno de seu uso nas ciências sociais, buscamos evidenciar como, com outras nomenclaturas, os processos analisados com esse instrumento já foram interpretados a partir de um conjunto complexo de conceitos dentro da tradição intelectual latino-americana, muito antes de que fosse enunciado o "giro hemisférico".

O artigo se compõe de três momentos: em um primeiro, expõe-se o conceito de entrelaçamento e seu potencial epistêmico em conjunto, ou em paralelo a outros como rizoma e fractal. Posteriormente são apresentadas algumas apropriações na arqueologia e na história dos contatos decorrentes de expansões coloniais. Por último, analisa-se a emergência da América Latina como objeto de estudos históricos e de propostas comparativas.

**Palavras-chave:** História; Entrelaçamento; Globalidade, América Latina.

### LATIN AMERICA TANGLED: FROM COMPARATIVE HISTORY TO THE CONCEPT OF ENTANGLEMENT

**Abstract:** The article works with the concept of entanglement, taken from quantum physics and used by archeology and history. The concept refers to the inseparability of the particles and therefore is a metaphor for transculturation processes. It is employed to describe some global historical processes that involve prolonged contacts between cultures. I seek to show how, with other nomenclatures, the processes analyzed under this concept have already been interpreted using a plethora of concepts from the Latin American intellectual tradition.

Three moments make up the article. In the first one, the concept of entanglement and its epistemic potential is exposed along with others such as rhizome and fractal. Later we expose some appropriations of the concept of entanglement linked to experiences of colonial expansion. Finally, the emergence of Latin America is analyzed as an object of comparative historical studies.

**Keywords:** History; Entanglement; Globality; Latin American.

"Eh bien! il a fallu un coup de scalpel pour nous séparer; ce qui fait que, tout éloignés que nous sommes maintenant, nous avons toujours un même corps, de sorte que l' impression, soit physique, soit morale, que l'un de nous deux éprouve a son contre-coup sur l' autre."

Alexandre Dumas, *Les Frères Corses*. Paris: Calmann Lévy, Éditeur.

<sup>1</sup> Uma primeira versão deste artigo foi lida por Giselle Venancio, Viviana Gelado, Adriene Tacla e Leonardo Marques. Uma segunda versão, mas próxima desta publicada, foi lida por Karen de Sousa. Sou grata a todos eles pelos comentários e por tornar o exercício de escrita menos solitário. Agradeço também o apoio da FAPERJ e do CNPQ.

<sup>2</sup> E-mail: mvsecreto@yahoo.com.

“Los entes entrelazados (partículas y fotones) están unidos entre sí porque fueron producidos por algún proceso que los ligó de una manera especial” (Amir Aczel, *Entrelazamiento: el mayor misterio de la física*, 2009)

Por regla general, el 'descubrimiento' de sitios como el lago Tanganika requería que el interesado se trasladase a la región y preguntara a los lugareños si en la zona había grandes lagos u otros accidentes geográficos similares, luego de lo cual los contrataba para que lo llevaran. Entonces, con la guía y el apoyo de los habitantes del lugar, el explorador procedía a descubrir lo que aquellos ya conocían", Mary Pratt, *Ojos Imperiales*, 1997.

### **Entrelaçamento: conceito e metáfora**

Nas ciências sociais e humanas utilizamos com frequência conceitos e termos emprestados da física: sinergia, precipitação, pressão, propagação, potência, entropia, homogêneo, heterogêneo, conexão, indução etc. Nós os utilizamos como conceitos e muitas vezes como metáforas, entendendo que os fenômenos humanos têm comportamentos análogos aos físicos. Mas não somente a física tem realizado esses empréstimos. A botânica emprestou para a filosofia o conceito de rizoma. Deleuze e Guattari utilizaram rizoma - uma raiz que tem um crescimento diferenciado, polimorfo, que cresce horizontalmente, que não tem uma direção clara e definida, sem princípio, meio e fim - para tratarem de sistemas epistemológicos onde não há proposições ou afirmações mais fundamentais do que outras. “O rizoma se refere a um mapa que deve ser produzido, construído, sempre desmontável, conectável, reversível, modificável, com múltiplas entradas e saídas, com suas linhas de fuga. São os decalques que é preciso referir aos mapas e não o inverso.”<sup>3</sup>

Também a geometria fractal tem cedido suas conceitualizações. Um fractal é um objeto geométrico cujas partes, quando dividido, são semelhantes ao objeto original. A teoria dos fractais tem influenciado as abordagens ficcionais, ensaísticas e historiográficas. A característica básica do fractal como descrito é a autossemelhança, de modo que o fragmento reproduz a imagem do todo. Os exemplos mais comuns das formas fractais dentro do mundo da natureza são os

---

<sup>3</sup> DELEUZE, G. GUATTARI, F. **Mil platôs**. Capitalismo e esquizofrenia. Vol. 1, São Paulo: Editora 34, 1995. p. 32-33.

flocos de neve, as raízes, brócolis, vasos sanguíneos, fiordes etc.<sup>4</sup> Mas estes pertencem à segunda forma de modelo de fractal num sistema epistemológico que reconhece três tipos de autosemelhança: exata, aproximada e aleatória.

Então, se os fractais exatos são abstrações ideais, arquétipos platônicos, e os fractais aproximados respondem a objetivos e fenômenos concretos da natureza, os fractais aleatórios constituem o modelo geométrico e dinâmico mais apto para descrever os processos de conduta: biográfica, histórica, social, cultural e por certo, intertextual.<sup>5</sup>

Nesses últimos, como em alguns fenômenos sociais, a diminuição da escala de observação parece não alterar a morfologia do observado. É desta forma, por exemplo, que Gilroy define seu Atlântico Negro como de estrutura rizomórfica e fractal de formação transnacional e internacional.<sup>6</sup> Como tal operação de análise requer certo grau de abstração e de “deformação” do real, no Atlântico de Gilroy as unidades observadas são isoladas de seus contextos. Os colonos europeus aparecem como os agentes de uma tríplice empresa: a de escravizar africanos, assassinar índios e subjugar asiáticos.<sup>7</sup> Dessa forma, a América fica esvaziada de seus povos originários para ser o cenário do drama euro-africano. O recorte “insular” envolve a descontextualização metódica.

Atentos aos ensinamentos de Antonio Cornejo Polar andaremos entre metáforas e alegorias, cientes de que “No hace mucho Fernández Retamar alertó contra los peligros implícitos en la utilización de categorías provenientes de otros ámbitos a los campos culturales y literarios.” O empréstimo metafórico e/o metonímico poderia confundir mais do que esclarecer.<sup>8</sup> Mas num mundo em transformação os cientistas sociais defrontados com unidades de observação interconectadas espaço-temporalmente buscam conceitos/metáforas capazes de dar conta de uma nova agenda de mega-cronos e mega-topos.

---

<sup>4</sup> GADDIS, John Lewis. **El paisaje de la historia**. Como los historiadores representan el pasado. Barcelona: Anagrama, 2002.

<sup>5</sup> CAMAYD-FREIXAS, Erik. El fractal de Mandelbrot. Del travestismo al Caos: Fuentes del nuevo realismo aleatorio de Antonio Benítez Rojo, ‘Mujer en traje de batalla’, **Caribe: revista de cultura y literatura**, Michigan, v. 10, n. 1, p. 4-48, 2007.

<sup>6</sup> GILROY, Paul. **O Atlântico Negro, modernidade e dupla consciência**, Rio de Janeiro: UCAM, Editora 34, 2002. p. 38.

<sup>7</sup> Ibidem. p. 35

<sup>8</sup> CORNEJO POLAR, Antonio. Mestizaje e hibridez: los riesgos de las metáforas. Apuntes. **Revista Iberoamericana**, Pittsburg, v. 67, n. 200, p. 867-70, 2002. p. 867.

Dos empréstimos entre ciências, queremos destacar o conceito de entrelaçamento,<sup>9</sup> que, embora tenha sido utilizado sobretudo para explicar e entender alguns episódios da expansão europeia, ainda é pouco difundido entre nós, historiadores sul-americanos.

Diz o matemático Amir Aczel que um princípio de incerteza reina na mecânica quântica, em que a maioria das coisas não se enxergam, sentem ou conhecem com precisão senão através de uma névoa de probabilidades e do acaso.<sup>10</sup> E embora toda a mecânica quântica escape às regras do comportamento que nos são familiares, o fenômeno mais surpreendente nesse estranho mundo do quântico é o chamado entrelaçamento: duas partículas que podem estar distantes entre si, inclusive a milhões de quilômetros, mas estão misteriosamente ligadas uma com a outra, qualquer coisa que ocorra a uma delas causa imediatamente uma mudança na outra.<sup>11</sup>

O entrelaçamento é um princípio de superposição que envolve duas ou mais partículas consideradas como um sistema. Nesse caso a separação inexistente, as duas partículas distanciadas por quilômetros ou anos-luz podem comportar-se de forma combinada. Ulpiano Bezerra ao refletir sobre a identidade da arqueologia brasileira salienta que “hoje em dia cada vez mais o termo inglês *“entanglement”* (emaranhamento) é usado para caracterizar as relações entre humanos e objetos materiais, seus sistemas, instituições, ambientes, contextos, situações, circuitos”.<sup>12</sup> Porém o conceito de emaranhamento ou “entrelaçamento” quântico, como o descrito até aqui, ainda não é o que se utiliza de forma recorrente nas ciências sociais, senão em parte. Nos usos do conceito umas vezes se prioriza a inseparabilidade das “partículas”, outras o carácter sistêmico dos fenômenos observados, e outras ainda, simplesmente a “metáfora têxtil”. Mas, apesar de não haver homogeneidade no uso, sua adoção responde em grande medida à

---

<sup>9</sup> Na física se utilizam indistintamente emaranhamento e entrelaçamento quântico para definir o mesmo fenômeno. Neste artigo optamos por entrelaçamento. Ambos termos se referem, por sua vez, a metáforas têxteis. O emaranhado pode ter uma origem accidental enquanto o entrelaçamento não necessariamente. Há algo de fatalidade na ideia de emaranhamento, pelo qual não abriremos totalmente mão de sua utilização quando queiramos salientar esse sentido.

<sup>10</sup> ACZEL, Amir. **Entrelazamiento: el mayor misterio de la física**. Barcelona: Crítica, 2009.

<sup>11</sup> Ibidem. p. 13.

<sup>12</sup> BEZERRA, Ulpiano. A identidade da arqueologia brasileira. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 29, n. 83, p. 19-23, 2015. p. 22.

insatisfação das conceitualizações precedentes (aculturação, mestiçagem, dialética, heterogeneidade, hibridez) para dar conta de fenômenos de encontro e superposição entre culturas e práticas de sociedades diferentes.

A utilização do conceito de entrelaçamento na arqueologia e na história guarda matizes diferentes. Sobretudo porque a história, salvo a história ambiental, não tem abordado as condições materiais de existência que poderia aproximá-lo metodológica e teoricamente da arqueologia – apesar de, nos últimos tempos, existir dentro das ciências sociais e humanas um retorno às “coisas” depois de um período focado largamente nas representações. Aceita-se que a existência humana e a vida social dependem de coisas materiais e que os seres humanos estão entrelaçados com elas porque humanos e coisas são produzidos de forma relacional.<sup>13</sup>

Ian Hodder, arqueólogo inglês, precursor da teoria pós-processual, constrói uma descrição das formas em que os seres humanos e as coisas estão entrelaçados, envolvidos mutuamente e dependentes. Essa perspectiva é a mais próxima do entrelaçamento quântico, com ênfase na inseparabilidade das partículas e a mútua dependência entre elas. Adverte o autor que com isto não pretende reintroduzir um materialismo, um determinismo ambiental ou um imperativo ecológico. Argumenta que o motor das transformações na sociedade não está nos fatos materiais da existência, mas na dependência entre os seres humanos e as coisas.<sup>14</sup>

Como o próprio Hodder nos chama a atenção, a teoria do emaranhamento desenvolvida por ele recebeu críticas. Susan Pollock *et al* caracterizam a arqueologia de Hodder como o Angelus Novus de Walter Benjamin: entra no passado de costas sem se dar conta do passado e percebendo os destroços do futuro.<sup>15</sup> Para esses autores, os exemplos escolhidos minimizam os papéis desempenhados pelas relações entre pessoas. As críticas se levantam contra a preponderância das coisas e a coisificação ou objetivação das pessoas.

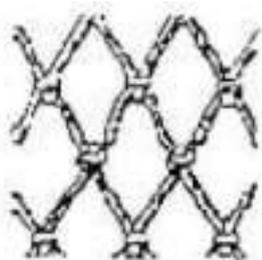
---

<sup>13</sup> HODDER, Ian. **Studies in human-things Entanglement**. S/l, Edição do autor, 2016. p. 13

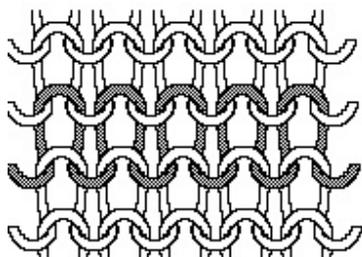
<sup>14</sup> HODDER, Ian. **Entangled**. An Archaeology of the Relationships between Humans and Things. Malden: Wiley-Blackwell, 2012. p. 94.

<sup>15</sup> POLLOCK, Susan, et al. Entangled Discussions: Talking with Ian Hodder About His Book Entangled. **Forum Kritische Archäologie**, v. 3, p. 151-61, 2014. p. 161.

Isso nos leva à proposta de Ingold, também no campo da arqueologia, sobre a adoção do conceito de coisa no lugar do de objeto. O homem se relaciona com coisas, incluindo nestas o meio ambiente, e não com objetos: “quero insistir que o mundo em que habitamos é composto não por objetos, mais por coisas.” Ingold focaliza sua análise nos processos vitais: “quanto mais os teóricos falam sobre agência, menos eles parecem ter a dizer sobre a vida”. Esse foco nos processos vitais exige que nos concentremos nos fluxos de materiais, e não em sua forma. Ingold nos chama a atenção para a malha que envolve coisas, pessoas e forças; no lugar da rede, lembrando que o atributo definidor dessa última é a conectividade entre nódulos preexistentes. Agrega que a vida, para Deleuze e Guattari, “se desenrola ao longo de linhas e fios e essas linhas não conectam. Os pontos não são conectados, mas colocados de lado e tornados indiscerníveis pela corrente à medida que ela se arrasta através deles.”<sup>16</sup>



Rede: seu atributo principal é a conectividade entre nódulos.

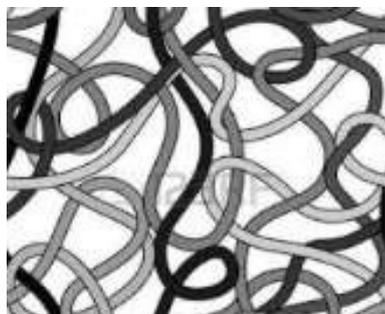


Malha: literalmente uma malha é uma sucessão de enlaces. Mais densa que a rede, tem mais pontos de contato e de fricção. Sugere que o fluxo contínuo de

---

<sup>16</sup> INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: Emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 18, n. 37, p. 25-44, 2012. p. 27.

relações forma as coisas conectadas. Expressa um contínuo interdependente, sistêmico.



Emaranhado: entrelaçamentos sem ordem prévia, realizado em vários sentidos. Por sua própria formação, não é possível determinar as propriedades de cada uma das partículas (linhas) entrelaçadas, somente do sistema global.

### **Entrelaçamentos nas historiografias coloniais**

Na historiografia é possível encontrar diferentes experiências de escrita de histórias entrelaçadas. Os processos de encontro intelectual e de circulação de ideias são os que reúnem o maior número de abordagens como proposto por Manjapra em *Age of Entanglement: German and Indian Intellectuals across Empire* (2014). Manjapra afirma que o conceito de “emaranhamento” é especialmente oportuno para entender o caráter distintivo do período de 1880 a 1945. O mesmo permite captar a multiplicidade de fronteiras e reivindicação de diferenças;<sup>17</sup> embora pareça ser o caráter (trans)nacional a característica mais marcada na análise dos cruzamentos imperiais.

Os estudos culturais, seja no campo da literatura, da antropologia ou da história, adotaram o conceito de entrelaçamento para definir mútuas influências, conexões, hibridismos e mestiçagens culturais.<sup>18</sup> Dois exemplos distintos, do ponto de vista dos espaços geográficos que envolvem, mas próximos metodologicamente, servirão para nos aproximar das tendências da história entrelaçada: *Age of*

---

<sup>17</sup> MANJAPRA, Kris. **Age of Entanglement: German and Indian Intellectuals across Empire**. Cambridge: Harvard University Press, 2014. p. 2.

<sup>18</sup> GARCIA CANCLINI, Nestor. **Culturas Híbridas**. Estrategias para entrar y salir de la modernidad. Buenos Aires: Paidós, 2001.

*Entanglement: German and Indian Intellectuals across Empire*<sup>19</sup> e *Entangled histories: the transcultural past of Northeast China*.<sup>20</sup>

As perspectivas deste último livro se inscrevem dentro daquilo que Cañizares-Esguerra define como entrelaçamento de fronteiras.

The interactions of peoples from different nationalities, ethnicities and cultures were both dynamic and complex and semi-colonial experiences affected the people's living conditions their status and power relations. Transcultural negotiations between all the different population groups and across all kinds of border are the topic of this book. [Transculturality is] a methodological approach that focuses on border crossings" crossings processes of exchange and entanglements between different population groups and various cultural spaces.<sup>21</sup>

Os autores centraram as abordagens em questões transculturais na Manchúria durante a primeira metade do século XX. As três províncias do Nordeste da China estavam integradas por pessoas com diferentes nacionalidades, etnias e culturas, com interações dinâmicas e complexas. Como dizem os organizadores da coletânea, os capítulos abordam histórias enredadas da administração, economia, ideias, ideologias, cultura, meios de comunicação e vida quotidiana.

A perspectiva de *Age of Entanglement: German and Indian Intellectuals across Empire* é semelhante, embora não idêntica. Segundo seu autor, durante a década de 1880 à Segunda Guerra Mundial, os processos históricos da Alemanha estavam entrelaçados com a Ásia. As relações entre Alemanha e Índia visavam destruir o *status quo* geopolítico do século XIX. Em suas primeiras linhas, o livro faz referência a uma época em que o nacionalismo alemão desafiava a ideia de Europa, assim como o nacionalismo anticolonial indiano desafiava a ideia de Império. Embora diferentes do ponto de vista do potencial de poder, alemães e indianos, em colaboração, tentaram destruir a ordem mundial do século XIX, a ordem mundial liderada pelo poder britânico. Trata-se de um estudo da história intelectual transnacional com destaque para a reflexão sobre o sistema de conhecimento e seus mecanismos de hegemonia.

---

<sup>19</sup> MANJAPRA, Kris. Op. Cit.

<sup>20</sup> CANAAN, Dan Ben; GRUNER, F.; PRODOHL, I. **Entangled histories**: The Trancultural past of Northeast China. New York: Springer, 2014.

<sup>21</sup> Ibidem. p. 3

Há alguns anos, Serge Gruzinski propôs estudar uma série de relações entre a monarquia espanhola e portuguesa no que chamou de “mundos misturados” das monarquias católicas. A proposta era exumar ligações históricas, explorar as *connected histories* que permitissem aproximar-se das histórias múltiplas. Norteiam sua indagação perguntas como:

Como explicar que as obras castelhanas do inca Garcilaso de la Vega e do romancista Mateo Alemán tenham sido publicadas em Lisboa? Por que o jesuíta navarrês José de Anchieta compunha autos bilíngues, em castelhano e português, para as pequenas cidades da Terra de Santa Cruz?<sup>22</sup>

Mas a perspectiva de Gruzinski está limitada por uma percepção da mistura expressada em experiências como a de Salvador de Sá (1602-1686), que em si reunia as qualidades de um “sujeito trans” - governador do Rio de Janeiro, *encomendero* no vice-reino do Peru, neto do governador de Cádiz, esposo da sobrinha do vice-rei do México e do Peru. Viveu nas possessões espanholas e reconquistou Angola. Gruzinski analisa administrações misturadas, dentro de uma extensa tradição que remonta ao trabalho inaugural de Alice Canabrava, qual seja, a de estudar as relações e conexões em contextos institucionais amalgamados. É o caso da chamada União Ibérica. Em 1942, Canabrava defendeu seu doutorado com a tese *O comércio português no Rio da Prata, 1580-1640*.<sup>23</sup> Tomando como ponto de partida a união das duas coroas, Canabrava analisou a penetração comercial portuguesa no Rio da Prata. Sua pesquisa assinalou alguns dos processos que marcaram a sociedade platina com características próprias, diferente de outras partes de Hispano-américa, como a vocação comercial de Buenos Aires e a presença portuguesa nessa atividade. Gruzinski dirá que, enquanto os historiadores costumam preocupar-se em inventar e construir novos objetos definindo territórios e cronologias, a Monarquia católica forma uma realidade preexistente no espaço e no tempo. Podemos agregar: da mesma forma que os Impérios e existiram outras unidades políticas extensas através da história.

---

<sup>22</sup> GRUZINSKI, Serge. Os mundos misturados da monarquia católica e outras *connected histories*, **Topoi**, v. 2, n. 2, p. 175-95, mar. 2001.

<sup>23</sup> CANABRAVA, Alice Pfiffer. **O Comércio Português no Rio da Prata, 1580-1640**. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, 1944.

## Entrelaçamentos hemisféricos: da história comparada à história entrelaçada

### a) A construção de um espaço

Uma das áreas em que as abordagens “inclusivas” estão presentes - dito genericamente análises de espaços e temporalidades alargadas - é a de história das Américas. Em 1932, Herbert Eugene Bolton (1880-1953), na inauguração do Congresso Anual da Sociedade de História Americana, expôs a ideia de que havia uma unidade fundamental que justificava o estudo do hemisfério em seu conjunto.<sup>24</sup> Ele baseou sua hipótese em fatores econômicos, afirmando inclusive que havia uma unidade entre a América anglo-saxônica e a América Latina, existindo apenas uma diferença de grau de progresso. A partir de 1946 o Instituto Pan-Americano de Geografia e História elaborou um programa de História da América:

Arthur Preston Whitaker e Silvio Zavala, coordenadores do trabalho, colocaram duas premissas a serem debatidas: a visão de conjunto do hemisfério baseada na história comparada, buscando semelhanças e dessemelhanças ou no pressuposto de uma unidade essencial da América.<sup>25</sup>

É de destacar o continuísmo a respeito da doutrina Monroe na obra de Whitaker, claramente plasmado na elaboração de *The Western Hemisphere Ideia*.<sup>26</sup>

Embora a ideia de América Latina, como uma unidade plausível de ser estudada em seu conjunto, não estivesse amplamente difundida antes das décadas de 30 e 40, algumas exceções são suficientemente significativas para que possamos falar de História Comparada da América Latina com anterioridade a essa difusão e à do texto/manifesto sobre história comparada de Marc Bloch, cuja primeira edição foi em 1928,<sup>27</sup> e da proposta Zavala/Whitaker. Consideramos como obra inaugural dessa perspectiva histórica a de Manoel de Oliveira Lima, que comparou

---

<sup>24</sup> MAGNAGHI, Russell. **Herbert E. Bolton and the Historiography of the Americas**. Greenwood Press, Connecticut, 1998.

<sup>25</sup> LOBO, Eulalia Maria Lahmeyer. **América Latina contemporânea: modernização, desenvolvimento, dependência**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1970. p. 7.

<sup>26</sup> WHITAKER, Arthur P. **The Western Hemisphere Ideia**. Its Rise and Decline. Ithaca: Cornell University, 1954.

<sup>27</sup> BLOCH, Marc. Por una história comparada de las sociedades europeas. In: \_\_\_\_\_. **Una Historia viva**. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1992. p. 63-82.

a evolução histórica do Brasil (América portuguesa) com a da América Espanhola e Inglesa em uma série de conferências dadas nos Estados Unidos em 1912, publicadas em 1914. Essa primeira obra eminentemente comparativa de Oliveira Lima representa a confluência de duas intencionalidades: a norte-americana, de apreender uma realidade escorregadia – por diversa – como a latino-americana, e a do intelectual latino-americano – neste caso brasileiro –, de explicar e fazer inteligível essa realidade complexa e de alguma forma um pouco “excêntrica” para um brasileiro de início do século XX, qual seja, a de incluir o Brasil dentro da América Latina.<sup>28</sup> A história comparada da América Latina constitui-se com suas funções explicativa e interpretativa, como qualquer outra história comparada, e com um forte componente pedagógico/político: outorgar “dignidades” iguais às unidades de análise.

A recepção favorável que teve a história comparada na historiografia latino-americanista dos Estados Unidos se deveu em grande medida a que essa perspectiva veio remediar a dificuldade de apreender as especificidades de um objeto repleto de peculiaridades e, portanto, dificilmente apreensível a partir da heterogeneidade. Braudel chegou a se perguntar se a expressão mesma de América Latina não seria estrangeira e observou que a quase totalidade das obras que mencionam no título “América Latina” são em geral escritas no estrangeiro e por estrangeiros.<sup>29</sup>

Outra dimensão do interesse norte-americano pela história latino-americana pode ser evidenciado através da produção dos latino-americanistas e dos brasilianistas, considerando o brasilianismo como “um fenômeno claramente datado dos anos 60 e 70 quando o interesse norte-americano pelo Brasil se traduzia em generosos financiamentos para pesquisa”.<sup>30</sup> Pontes salienta o impacto que no âmbito norte-americano teria a criação, durante a década de 1960, de

---

<sup>28</sup> LIMA, Manoel de Oliveira **The evolution of Brazil compared with that of Spanish and Anglo-Saxon America**. California: Stanford University, 1914.

<sup>29</sup> BRAUDEL, Fernand. **Annales d'histoire Sociale**, v. 1-3, 1939-41 Réimprimé avec l'autorisation de l'association Marc Bloch, Johnson Reprint Corporation, New York – London, 1972; BRAUDEL, Fernand. **Handbook of Latin America Studies. A Guide to the Material Published** in 1936 on Anthropology, Art, Economics, Education, Folklore, Geography, Government, History, International Relations, Law, Language and Literatura. Cambridge: Harvard University Press, 1937.

<sup>30</sup> MASSI, Fernanda Peixoto. Brasilianismo, 'brasilianist' e discursos brasileiros. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 5, p. 29-44, 1990.

centros de pós-graduação voltados para estudos latino-americanos como os de Wisconsin, Yale, Columbia, City University de New York, Vanberbilt, Berkeley, Stanford, Austin, entre outros. No mesmo sentido indica a criação da LASA (Latin American Studies Association) em 1965 e os financiamentos à pesquisa da fundação Ford.<sup>31</sup> Como resultado desses e de outros empreendimentos nas décadas de 1960 e 1970 houve várias iniciativas comparativas. Ademais dessa demanda dos departamentos de estudos americanos nos Estados Unidos, houve uma busca pela comparação na própria América Latina. A partir da década de 1960, a expressão América Latina seria incorporada no vocabulário da região. Para essa adoção foi importante a criação em 1948 da Comissão Econômica para América Latina (CEPAL,) e a difusão de uma agenda comum em torno à natureza da formação econômica do subcontinente.

Se bem que unidade hemisférica do ponto de vista da pesquisa acadêmica teve uma trajetória crítica desde sua enunciação em 1932, Bauer afirma que desde 2000 assistimos a uma verdadeira explosão de atividades acadêmicas hemisféricas: livros, números especiais em revistas, seminários, antologias literárias e programas de estudo refletem essa preocupação. Essa “explosão” dos estudos hemisféricos na área dos estudos culturais levou alguns especialistas a falarem em “giro hemisférico” ou giro transnacional.<sup>32</sup>

Nesse contexto, encontramos algumas iniciativas como a de Jorge Cañizares-Esguerra, que propõe entender as histórias da América espanhola e britânica como um todo entrelaçado. Parece-lhe fútil estudar fenômenos históricos transatlânticos, hemisféricos e transnacionais dentro dos limites das narrativas nacionais. Propõe ir além das áreas de fronteiras “tradicionalmente” abordadas, percebendo-as como áreas de entrelaçamentos<sup>33</sup> ou zonas de contato como definidas por Mary Louise Pratt: espaços de encontros coloniais em que pessoas com geografias e histórias diferentes entram em contato e estabelecem relações

---

<sup>31</sup> PONTES, Heloísa A. Brasil com “z”. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 5, p. 45-65, 1990.

<sup>32</sup> BAUER, Ralph. Hemispheric Studies. *PMLA, Modern Language Association*, v. 124, n. 1, p. 234-50, 2009. p. 235-6.

<sup>33</sup> CAÑIZARES-ESGUERRA, Jorge. Histórias emaranhadas: Historiografias de fronteira em novas roupagens? In: FERNANDES, Luiz Estevam de Oliveira. (Org.) *História da América: historiografia e interpretações*. UFOP, 2012. p. 14-39. p. 17.

duráveis nas quais predominam a coerção e inequidade.<sup>34</sup> Em Cañizares-Esguerra encontramos a abordagem mais frequente na adoção do conceito *entanglement* no campo da história, em diálogo com outros conceitos como os de *Histoire Connectée*<sup>35</sup> e *Transnational History*.

Dietler<sup>36</sup> tinha chamado a atenção para todas as situações de contato: a compreensão do colonialismo como um processo de emaranhamento altamente aleatório em que as assimetrias de poder podem gerar situações inesperadas. Parte da noção de que os processos coloniais envolvem intercâmbios que podem ser variáveis de um contexto que inclui ações como comércio, guerra, atividades missionárias, invasões etc., que por sua vez implicam em consequências não intencionais tanto para os povos indígenas quanto para os colonos alienígenas. Ambas as partes acabam se tornando algo diferente do que eram por causa desses processos de emaranhamento e seus desdobramentos não intencionais.<sup>37</sup> Seguindo uma linha semelhante Tacla<sup>38</sup> analisa, a partir da pesquisa empírica sobre a estatuária celta da Provença na Idade de Ferro, os emaranhados materiais de sua produção, salientando a maior adequação dessa interpretação que a de helenização, tão sobrecarregada de assimetrias quando não de simples superioridade helênica. Assim, entrelaçamento ou emaranhamentos são inscritos dentro das interpretações decoloniais.<sup>39</sup> Entre outros conceitos que frequentemente são utilizados nos estudos pós-coloniais como hibridação, criolização e mestiçagem Dietler faz uma escolha conceitual por *entanglement*, inclusive considera a noção de conectividade mais apropriada para fins descritivos que para fins teóricos.

Mas nós não podemos abraçar essa conclusão sem testar brevemente a eficácia de outros conceitos para as Américas.

---

<sup>34</sup> PRATT, Mary Louise. **Ojos Imperiales**. Literatura de viaje y transculturación. Bernal: UNQ, 1997

<sup>35</sup> SUBRAHMANYAM, Sanjay, Par-delà l'incommensurabilité: pour une histoire connectée des empires aux temps modernes, **RHMC**, v. 54bis, n. 5, p. 34-54, 2007.

<sup>36</sup> DIETLER, Michael. **Archaeologies of Colonialism: Consumption, Entanglement, and Violence in Ancient Mediterranean France**. Berkeley: University of California, 2010.

<sup>37</sup> Ibidem. p. 54.

<sup>38</sup> TACLA, Adriene. B. Construindo Identidades no Sul da França. In: VASQUES, M. S.; BAPTISTA, L. V.. (Orgs.). **Identidade no Mundo Antigo: pesquisa, diálogos e apropriações**. Curitiba: Prismas, 2017. p. 57-85.

<sup>39</sup> Ibidem.

## b) A construção das relações

Alexandre Dumas tinha imaginado uma relação entrelaçada entre pessoas. Em *Os irmãos Corsos* (1844), o princípio de inseparabilidade era resultado de uma origem comum, aquela de ter formado parte do mesmo corpo, como explica Lucien ao viajante na epígrafe deste artigo. Ele e Louis, seu irmão, tinham formado parte do mesmo corpo, unidos por um dos lados ao nascer e separados com ajuda de um bisturi. O que leva Lucien a concluir que, tendo tido o mesmo corpo, teriam sempre o mesmo corpo. Assim, quando um sentia alguma dor física ou moral, o outro também a sentia, sem importar a distância que os separasse. A inseparabilidade em Dumas está vinculada à origem comum dos corpos e, a partir daí, das experiências sensíveis.<sup>40</sup>

Buscando um exemplo do discurso migrante, Cornejo Polar encontra em *Os rios profundos*, do escritor peruano José María Arguedas, a seguinte passagem na qual Ernesto, protagonista do romance, diz em frente aos muros incaicos de Cuzco:

Me acordé, entonces, de las canciones quechuas que repiten una frase poética constante: "yawar mayu", río de sangre; "yawar unu", agua sangrienta; "puk'tik yawar k'ocha", lago de sangre que hierve; "yawar wek'e", lágrimas de sangre. ¿Acaso no podría decirse "yawar rumi", piedra de sangre, o "puk'tik yawar rumi", piedra de sangre hirviente? Era estático el muro, pero hervía por todas sus líneas y la superficie era cambiante, como la de los ríos en el verano, que tienen una cima así, hacia el centro del caudal que es la zona temible, la más poderosa.<sup>41</sup>

O trecho selecionado serve para que Cornejo Polar possa refletir sobre o discurso migrante. Das inferências de Ernesto o autor conclui que ele exprime duas experiências, uma do passado e outra do presente; atualiza dois idiomas, o quéchua e o espanhol; duas tecnologias comunicativas, a oral e a escrita; dois gêneros, a canção e a novela e exercita dois sistemas culturais.<sup>42</sup> Ernesto diante dos muros de Cuzco exprime sem sintetizar - porque condensa e comprime séculos, culturas e experiências- as possibilidades de relações entre o humano e o não-humano na densidade do tempo.

---

<sup>40</sup> DUMAS, Alexandre. **Les Frères Corses**. Paris: Calmann Lévy, Éditeur, 1844.

<sup>41</sup> CORNEJO POLAR, Antonio. Una heterogeneidad no dialéctica: sujetos y discurso migrantes en el Perú moderno. **Revista Iberoamericana**, v. 72, n. 176-177, p. 837-44, 1996.

<sup>42</sup> Ibidem.

Crítico do conceito de mestiçagem, Cornejo Polar é um dos pensadores mais sutis para a reflexão sobre a heterogeneidade cultural. O ponto de partida dele não é nenhum ponto fixo, estável, definido. Todo e todos nele estão em movimento, mutando, em transformação.

Há em algumas das abordagens, como esta última, a percepção de que o “entrelaçamento” se produz de forma diacrônica e sincrônica simultaneamente. Nesse sentido, o conceito de rugosidade do geógrafo Milton Santos contempla a diversidade que quer ser apreendida. Para Santos, formas passadas condicionam as ações, representações e produção de formas presentes e futuras. Trata-se de uma inércia dinâmica que permite que o passado fique presente. As rugosidades são heranças morfológicas de caráter sóciogeográfico. Esta ideia de rugosidade também permite a dissociação entre forma e conteúdo, já que as “velhas formas” podem suscitar novas funções.<sup>43</sup> Diante dos muros do que foi Cuzco, Ernesto atualiza a canção quéchua, sua experiência migrante aviva o passado, e o passado líquido de rios, águas e lágrimas de sangue se solidifica na pedra. Forma e matéria também são atualizadas.

Se na literatura, na arqueologia e na geografia é possível encontrar uma reflexão sobre a “natureza” das coisas, e das relações do não-humano com o humano, caracterizadas como um entrelaçamento e, portanto, sistêmicas e indissolúveis, na historiografia a utilização do conceito de entrelaçamento é mais uma metáfora da metáfora e, portanto, entrelaçamento e emaranhamento se vinculam muito mais com o universo do têxtil e da fiação. Relacionados a processos de mistura, interseção, mútua influência e mestiçagem são indefectivelmente acompanhados dos conceitos de transculturação, conexão e globalização. O conceito de transculturação teve uma longa trajetória desde a década de 1940, quando proposto por Fernando Ortiz a partir da experiência cubana como cenário (ou meio ambiente) no qual se encontraram:

culturas inmigratorias, en oleadas esporádicas o en manaderos continuos, siempre fluyentes e influyentes y de las más varias oriundeces: indios continentales, judíos, lusitanos, anglosajones, franceses, norteamericanos y hasta amarillos mongoloides de Macao,

---

<sup>43</sup> SANTOS, Milton. **O trabalho do geógrafo no terceiro mundo**. São Paulo: Hucitec, 1978.

Cantón y otras regiones del que fue Celeste Imperio. Y cada inmigrante como un desarraigado de su tierra nativa en doble trance de desajuste y de reajuste, de desculturación o exculturación y de aculturación o inculturación, y al fin, de síntesis, de transculturación.<sup>44</sup>

Apesar dessa longa trajetória, o conceito de transculturação ganhou enorme vitalidade nas últimas décadas junto a outros conceitos que buscaram escapar de essencialismos: mestiçagem, mistura, conexão, cruzamento, hibridismo, entre outros. Estes conceitos, no entanto, também são constituintes de novas cristalizações:

Varias veces he comentado que el concepto de mestizaje, pese a su tradición y prestigio, es el que falsifica de una manera más drástica la condición de nuestra cultura y literatura. En efecto lo que hace es ofrecer imágenes armónicas de lo que obviamente es desgajado y beligerante, proponiendo figuraciones que en el fondo sólo son pertinentes a quienes conviene imaginar nuestras sociedades como tersos y nada conflictivos espacios de convivencia.<sup>45</sup>

O que incomoda Cornejo Polar é o que nos incomoda: a ideia de que haveria um ponto de estabilidade, o ponto zero da mestiçagem. No terceiro capítulo de *Casa Grande & Senzala*, Gilberto Freyre fala sobre a singular predisposição do português para a colonização híbrida e escravocrata dos trópicos, explicada em grande medida pelo passado “étnico, ou antes, cultural, do povo indefinido entre a Europa e a África. (...) o ar da África, um ar quente, oleoso, amolecendo nas instituições e nas formas de cultura as durezas germânicas. Corrompendo a rigidez moral e doutrinaria da Igreja medieval, tirando os ossos ao cristianismo, ao feudalismo, à arquitetura gótica, à disciplina canônica, ao direito visigótico, ao latim, ao próprio caráter do povo. A Europa reinando sem governar; governando antes a África”.<sup>46</sup> Freyre nos apresenta um europeu já misturado, atravessado por diferentes experiências, plástico, embora incrivelmente “estável” como colonizador. No *Mundo que o português criou*, sintetiza uma ideia já presente em suas obras anteriores, a de que “o Brasil tinha sido constituído pela capacidade

---

<sup>44</sup> ORTÍZ, Fernando. **Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar**. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1983. p. 87.

<sup>45</sup> CORNEJO POLAR, Antonio. Mestizaje e hibridez...Op. Cit., p. 867.

<sup>46</sup> FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**: Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. In: *Interpretes do Brasil*, vol. 2, Rio De Janeiro: Nova Aguilar, 2002.

portuguesa de miscigenação e disseminação nas áreas tropicais”<sup>47</sup>. Nesse sentido, Freyre atribui diferentes “pesos” às culturas que se encontram na América, e também diferentes dinâmicas e capacidades de transitar entre culturas.

Mas de qualquer forma Freyre deve ser inscrito dentro de um conjunto de autores “coloniais” que não podem pensar, entender, escrever sem se referirem ao outro, sem ter uma escrita entrelaçada pelo cruzamento de culturas, experiências e línguas. Formalmente ele transitou pela história comparada em suas duas modalidades: a implícita e a explícita. Podemos dizer que implicitamente em toda sua obra. Explicitamente em *Brazil: an Interpretation* (1945), que foi simultaneamente publicado em inglês e em espanhol antes de que o fosse em português. O qual já é um indício: a necessidade de traduzir o Brasil para os outros. Provavelmente Freyre não seja o latino-americanista mais expressivo em seu diálogo intramericano, mas justamente por isso é apropriado apelar a ele para evidenciar esse lugar de escrita atravessada. Possíveis genealogias poderiam ser ensaiadas: Fernando Ortíz; Gilberto Freyre; Angel Rama; García Canclini. Se a ênfase recaísse na história econômica: Alice Canabrava, Carlos S. Assadourian, Juan Carlos Garavaglia e Ciro Cardoso e ainda pensando a heterodoxia econômica como outra forma entrelaçada, Teotônio dos Santos, F. H. Cardoso, Enzo Faletto, Vânia Bambirri, Rui Mauro Marini e Jorge Graciarena. Todas genealogias entrelaçadas, todas frutos de hibridações, todas “flores coloniais”.

## Conclusão

A historiografia das “quatro partes do mundo” tem manifestado nas últimas décadas um interesse crescente por ampliar a circunscrição dos objetos tanto na dimensão espacial como temporal. A dimensão subjetiva da existência humana continua a ter cultivadores tanto na esfera da produção da história como do seu consumo, mas cada vez mais a sociedade e os historiadores se inclinam para uma história que abraça temporalidades maiores e espaços planetários. Por outro lado, novas subjetividades entraram nos discursos históricos, as subjetividades de

---

<sup>47</sup> DÁVILA, Jerry. Raça, etnicidade e colonialismo português na obra de Gilberto Freyre. **Desigualdade & Diversidade. Revista de Ciências Sociais da PUC**. Rio de Janeiro, n. 7, p. 153-74, 2010. p.155.

perspectiva de enunciação, sempre presente, embora com novos matizes. Como propõe Romain Bertrand, devemos tender a uma história policêntrica, uma história que confira a mesma dignidade documental aos mundos do “colonizador” e do “colonizado”.<sup>48</sup> Consequentemente, a história global, transnacional, conectada, entrelaçada, cruzada, e até a comparada (de nova geração) possuem uma marca decolonial. A questão sistêmica recoloca as partículas em diálogo dentro de uma lógica que busca garantir a igualdade de tratamento aos mundos envolvidos.

Como toda dignidade, a dignidade discursiva não pode ser outorgada, senão conquistada. Por isso não é casual que conceitos que tinham sido primeiramente forjados por e para a América Latina desde a década de 1920 voltem a ser re-significados nas escritas do sul global.

Na primeira metade do século XX vimos aparecer conceitos como o de transculturação de Fernando Ortiz (com a (des)necessária aprovação de Malinowski) e, posteriormente, a transculturação narrativa de Angel Rama, o hibridismo de Gilberto Freyre e, finalmente, o hibridismo cultural de Garcia Canclini. Na segunda metade do século passado a discussão voltou a ganhar fôlego, sobretudo no campo dos estudos culturais, e principalmente dentro da crítica literária: apareceram os conceitos de “entre-lugar” de Silvino Santiago e de heterogeneidade de Cornejo Polar (entre outros, esta não é uma lista exaustiva). Todos esses conceitos da segunda metade do século XX têm uma perspectiva pós-colonial, embora ao tempo da formulação não fosse essa a denominação.

A perspectiva entrelaçada na história leva essencialmente à possibilidade de “contar a história” a partir de qualquer ponto, sem negar a dominação, colonização, submissão, opressão etc., mas salvaguardando a simetria não das Histórias, pois estas não precisam de salvaguarda, senão da história. Como disse o romancista Andrés Rivera, “escribo la historia de una carencia, no la carencia de una historia.”<sup>49</sup>

Neste ponto, é pertinente perguntar o que é que se entrelaça na história?

---

<sup>48</sup> BERTRAND, Romain. **L'Histoire à parts égales**. Récits d'une recontre Orient-Occident (XVI<sup>e</sup> – XVII<sup>e</sup> siècles). Paris: Éditions du Seuil, 2011.

<sup>49</sup> RIVERA, Andrés, **La revolución es un sueño eterno**. Buenos Aires: Alfaguara, 1993. p. 84.

A resposta pode ser ampla: temporalidades, processos, pessoas, ideias e coisas. Como na meada emaranhada, a ponta pode estar em qualquer lugar e pode ir em qualquer sentido. Isto quer dizer que o conceito de entrelaçamento também rompe com a linearidade temporal e as hierarquias entre culturas, povos e configurações sociais.

A “re-descoberta” dos entrelaçamentos no hemisfério norte se deve a que durante muito tempo foi possível para as metrópoles, formais ou informais, escrever suas histórias prescindindo dos outros ou tendo centros narrativos. Coisa sempre difícil, senão impossível para as colônias (formais ou informais). A emergência do BRICS (2011) evidenciou a impossibilidade de narrativas prescindentes.

#### **Referencias bibliográficas**

ACZEL, Amir. **Entrelazamiento: el mayor misterio de la física**. Barcelona: Crítica, 2009.

BAUER, Ralph. Hemispheric Studies. **PMLA, Modern Language Association**, v. 124, n. 1, p. 234-50, 2009.

BERTRAND, Romain. **L’Histoire à parts égales. Récits d’une recontre Orient-Occident (XVI<sup>e</sup> -XVII<sup>e</sup> siècles)**. Paris: Éditions du Seuil, 2011.

BEZERRA, Ulpiano. A identidade da arqueologia brasileira. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 29, n. 83, p. 19-23, 2015.

BLOCH, Marc. Por una história comparada de las sociedades europeas. *In*: \_\_. **Una Historia viva**. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1992. p. 63-82.

BRAUDEL, Fernand. **Annales d’histoire Sociale**, v. 1-3, 1939-41 Réimprimé avec l’autorisation de l’association Marc Bloch, Johnson Reprint Corporation, New York – London, 1972.

\_\_. **Handbook of Latin America Studies. A Guide to the Material Published in 1936 on Anthropology, Art, Economics, Education, Folklore, Geography, Government, History, International Relations, Law, Language and Literatura**. Cambridge: Harvard University Press, 1937.

CAMAYD-FREIXAS, Erik. El fractal de Mandelbrot. Del travestismo al Caos: Fuentes del nuevo realismo aleatorio de Antonio Benítez Rojo, 'Mujer en traje de batalla', **Caribe: revista de cultura y literatura**, Michigan, v. 10, n. 1, p. 4-48, 2007.

CANAAN, Dan Ben; GRUNER, F.; PRODOHL, I. **Entangled histories: The Transcultural past of Northeast China**. New York: Springer, 2014.

CANABRAVA, Alice Piffer. **O Comércio Português no Rio da Prata, 1580-1640**. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, 1944.

CAÑIZARES-ESGUERRA, Jorge. Histórias emaranhadas: Historiografias de fronteira em novas roupagens? In: FERNANDES, Luiz Estevam de Oliveira. (Org.) **História da América: historiografia e interpretações**. UFOP, 2012. p. 14-39.

CORNEJO POLAR, Antonio. Mestizaje e hibridez: los riesgos de las metáforas. Apuntes. **Revista Iberoamericana**, Pittsburg, v. 67, n. 200, p. 867-70, 2002.

—. Una heterogeneidad no dialéctica: sujetos y discurso migrantes en el Perú moderno. **Revista Iberoamericana**, v. 72, n. 176-177, p. 837-44, 1996.

DÁVILA, Jerry. Raça, etnicidade e colonialismo português na obra de Gilberto Freyre. **Desigualdade & Diversidade. Revista de Ciências Sociais da PUC**. Rio de Janeiro, n. 7, p. 153-74, 2010.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs**. Capitalismo e esquizofrenia. Vol. 1, São Paulo: Editora 34, 1995.

DIETLER, Michael. **Archaeologies of Colonialism: Consumption, Entanglement, and Violence in Ancient Mediterranean France**. Berkeley: University of California Press, 2010.

FIELBAUM, A.; ERRÁZURIZ CRUZ, Rebeca. El entre-lugar como pensamiento de riesgo: entrevista a Silvano Santiago. **Revista Chilena de Literatura**, Santiago, n. 88, p. 309-318, dec. 2014.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala: Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. In: *Interpretes do Brasil*, vol. 2. Rio De Janeiro: Nova Aguilar, 2002.

GADDIS. John Lewis. **El paisaje de la historia**. Como los historiadores representan el pasado. Barcelona: Anagrama, 2002.

- GARCIA CANCLINI, Nestor. **Culturas Híbridas**. Estrategias para entrar y salir de la modernidad. Buenos Aires: Paidós, 2001.
- GILROY, Paul. **O Atlântico Negro, modernidade e dupla consciência**, Rio de Janeiro: UCAM/Editora 34, 2002.
- GRUZINSKI, Serge. **As quatro partes do mundo**. História de uma mundialização. São Paulo: Edusp/EUFMG, 2014.
- \_\_\_\_\_. Os mundos misturados da monarquia católica e outras *connected histories*, **Topoi**, v. 2, n. 2, p. 175-95, mar. 2001.
- HODDER, Ian. **Entangled**. An Archaeology of the Relationships between Humans and Things. Malden: Wiley-Blackwell, 2012.
- \_\_\_\_\_. **Studies in human-things Entanglement**. S/l, Edição do autor, 2016.
- INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: Emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 18, n. 37, p. 25-44, 2012.
- LIMA, Manoel de Oliveira, **The evolution of Brazil compared with that of Spanish and Anglo-Saxon America**, California: Stanford University, 1914.
- LOBO, Eulalia Maria Lahmeyer. **América Latina contemporânea: modernização, desenvolvimento, dependência**. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.
- MAGNAGHI, Russell. **Herbert E. Bolton and the Historiography of the Americas**. Greenwood, Connecticut, 1998.
- MANJAPRA, Kris. **Age of Entanglement: German and Indian Intellectuals across Empire**. Harvard University Press. January 2014.
- MARRERO LEÓN, E. Transculturación y estudios culturales. Breve aproximación al pensamiento de Fernando Ortiz. **Tabula Rasa**, Bogotá, n. 19: p. 101-117, jul-dez, 2013.
- MARTÍN-BARBERO, Jesus. Sobre Culturas híbridas. Estrategias para entrar y salir de la modernidad, **Magazín Dominical**, n. 445, **El Espectador**, Noviembre 3 de 1991.
- MASSI, Fernanda Peixoto. Brazilianismo, 'brasilianist' e discursos brasileiros. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 5, p. 29-44, 1990.
- MIGNOLO, W.; FREYA, Schiwy. Double Translation. Transculturation and the colonial difference. In: Leland Searles (Ed.). **Translation & Ethnography: The**

- Anthropological Challenge of Intercultural Understanding.** 3-30. Arizona: University of Arizona, 2003.
- ORTÍZ, Fernando. **Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar.** La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1983.
- POLLOCK, Susan, et al. Entangled Discussions: Talking with Ian Hodder About His Book Entangled. **Forum Kritische Archäologie**, v. 3, p. 151-61, 2014.
- PONTES, Heloísa A. Brasil com “z”. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 5, p. 45-65, 1990.
- PRATT, Mary Louise. **Ojos Imperiales.** Literatura de viaje y transculturación. Bernal: UNQ, 1997.
- QUIJADA, Mónica; BERNAND, Carmen; SCHNEIDER, Arnd. **Homogeneidad y nación. Con un estudio de caso: Argentina, siglos XIX y XX**, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Madrid, 2000.
- RIVERA, Andrés, **La revolución es un sueño eterno.** Buenos Aires: Alfaguara, 1993.
- SANTIAGO, Silviano. O entre-lugar do discurso latino-americano. In: \_\_. **Uma literatura nos trópicos. Ensaio sobre dependência cultural.** Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- SANTOS, Milton. **O trabalho do geógrafo no terceiro mundo.** São Paulo: Hucitec, 1978.
- SUBRAHMANYAM, Sanjay. Par-delà l'incommensurabilité: pour une histoire connectée des empires aux temps modernes, **RHMC**, 2007/5, n. 54bis, p. 34-54.
- TACLA, Adriene. B. Construindo Identidades no Sul da França. In: VASQUES, M. S.; BAPTISTA, L. V. (Orgs.). **Identidade no Mundo Antigo: pesquisa, diálogos e apropriações.** Curitiba: Prismas, 2017. p. 57-85.
- WHITAKER, Arthur P. **The Western Hemisphere Idea.** Its Rise and Decline. Ithaca: Cornell University, 1954.

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA:

María Verónica Secreto

Rua Professor Marcos Waldemar de Freitas Reis, s/n, Campus do Gragoatá, Bloco O São Domingos. Niterói - RJ. 24210 201. Niterói – RJ – Brasil

Recebido: 19/04/2019  
Aprovado: 10/05/2019